

## RESENHA

### Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu

*Guiomar Inez Germani*

Salvador, BA: Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) -  
Universidade Luterana Brasileira (ULBRA), 2003

### Vozes de Itaipu: o testemunho de uma expropriação

por: *Ely Souza Estrela\**

Logo após o início das obras da Represa de Sobradinho (curso médio do Rio São Francisco), o governo militar assinava acordo bilateral com o Paraguai para a construção da Hidrelétrica de Itaipu no Rio Paraná. Elaborado no período desenvolvimentista do presidente Juscelino Kubitschek e abortado no governo do presidente João Goulart pelas forças conservadoras que mais tarde derrubá-lo-iam, o projeto de “construção da maior hidrelétrica do mundo” coadunava-se aos planos do regime militar de viabilizar o “Brasil grande potência”, ameaçado, naquele momento, pelo chamado “choque do petróleo”, resultante dos conflitos árabe-israelenses.

Assim, em 1973, o presidente brasileiro Emílio Garrastazu Médici (um dos mais autoritários mandatários do ciclo militar) e

\* Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Ciências Humanas – Campus V – Santo Antônio de Jesus.

o paraguaio Alfredo Stroessner (o ditador que governaria o Paraguai por mais de 35 anos) assinaram, a toque de caixa, o "Tratado de Criação de Itaipu", visando levar a efeito o aproveitamento hidrelétrico do Rio Paraná, através da criação da Itaipu Binacional. Pelo tratado, a localização da barragem por questões geopolíticas, envolvendo as relações entre Brasil, Argentina e Paraguai, ficaria em suspenso.

Localizada numa zona de fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, a Represa de Itaipu afogou o Salto de Sete Quedas, submergindo também ampla parcela de terras agricultáveis do extremo-Oeste do Paraná. Quantos foram os expropriados de Itaipu? Estima-se que esta Represa provocou a expropriação e a diáspora de aproximadamente quarenta e três mil pessoas, entre colonos, peões posseiros, arrendatários e índios guaranis, estes últimos localizados às margens do Rio Ocofí.

Quando as ciências sociais, no Brasil, ensaiavam os primeiros passos no sentido de tornar os impactos das barragens como campo de estudo, Guiomar Inez Germani voltou os olhos para a problemática, cobrindo os acontecimentos, digamos assim, em tempo real. Nascia daí a dissertação de mestrado *Os expropriados de Itaipu*, defendida no Mestrado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1982, e publicada em livro pela Editora da Universidade Federal da Bahia, em co-edição com a Editora da Universidade Luterana Brasileira sob o título *Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu*.

A obra foi dividida em quatro partes. Nelas a autora deslinda a formação territorial do Oeste paranaense, as origens do Projeto de construção da Represa de Itaipu, os bastidores do convênio firmado entre Brasil e Paraguai, bem como o confronto que opôs o Estado e a população atingida. Além do mais, apresenta uma iconografia com um expressivo ensaio fotográfico sobre o "Movimento Terra e Justiça" assinado pela própria autora. A cobertura das primeiras reuniões dos atingidos de Itaipu que culminaram na criação, com apoio das Igrejas Católica e Luterana, diga-se de passagem, do referido Movimento é marcada pela tensão, evidenciando o embate que colocou *vis a vis* o Estado (através de seus agentes) e lavradores.

Revelando empatia pelos atingidos, Guiomar mostra que para toda a investida e artifício das agências públicas ou governamentais, visando proceder a “limpeza da área”, conforme jargão de técnico, a um custo financeiro mínimo – ferindo prerrogativas e desconhecendo direitos –, os expropriados de Itaipu resistiram tenazmente, contabilizando, inclusive, vitórias.

Pioneira na escolha da temática, Guiomar inovou também na escolha dos métodos de pesquisa. Antes mesmo que a História Oral se consolidasse como importante metodologia/técnica na produção acadêmica, ela, ainda que intuitivamente, a utilizou, entrevistando atingidos, agentes de apoio, funcionários do Estado, autoridades públicas. Não empreendeu a pesquisa sem lançar mão também dos métodos da geografia, do planejamento regional e do jornalismo. Em suma, cruzando fontes documentais, iconográficas e orais, a autora montou seu próprio *corpus* de pesquisa, propiciando aos demais pesquisadores da temática, amplo material, possibilitando-lhes estudar, inclusive, a gênese de dois dos mais importantes movimentos sociais criados no bojo da luta de Itaipu: o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Escrito nas *trincheiras*, como salienta a autora, *Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu*, mais que um testemunho, mais que um registro acadêmico, faz ecoar aos ouvidos dos seus leitores o grito desesperado de homens e mulheres, para quem a terra e a água, além de meios de reprodução social, era fator de identidade cultural. Desvelando as nuances da diáspora dos atingidos de Itaipu, Guiomar Germani, professora do curso de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, matiza rigor acadêmico e compromisso social, tecendo uma obra de (e na) fronteira, colocando-se, portanto, de leitura obrigatória para historiadores, geógrafos, planejadores e antropólogos.

e-mail: elyestrela@bol.com.br

Recebido em 13/06/2006.

Aceito em 20/08/2006.